



LABEDIS

Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som

A portrait of Aritana Yawalapiti, a man with dark hair and a serious expression, looking slightly to the left. He is shirtless and has a traditional necklace. The background is a textured, light-colored wall.

Política Linguística
e retomada/
revitalização de
línguas indígenas –
um tributo a
Aritana Yawalapiti.

Início: 22/10/2020
Horário: 5ª e 6ª às 18h.

Curso de Extensão
Inscrições pelo sistema
SGCE da UFRJ:
<https://sgce.tic.ufrj.br/>
de 11/10/2020 até 21/10/2020.

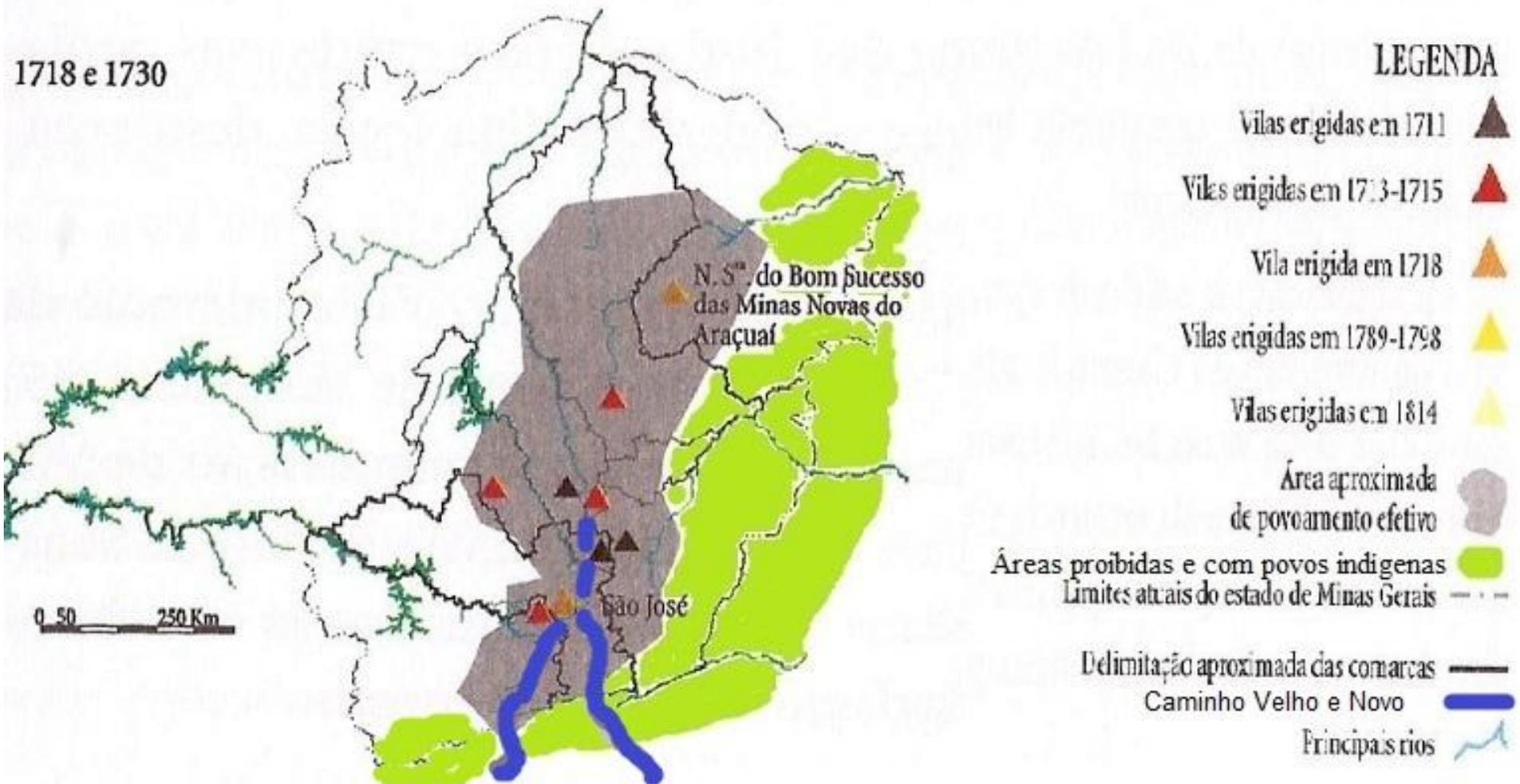


LABEDIS
Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som

LALLI

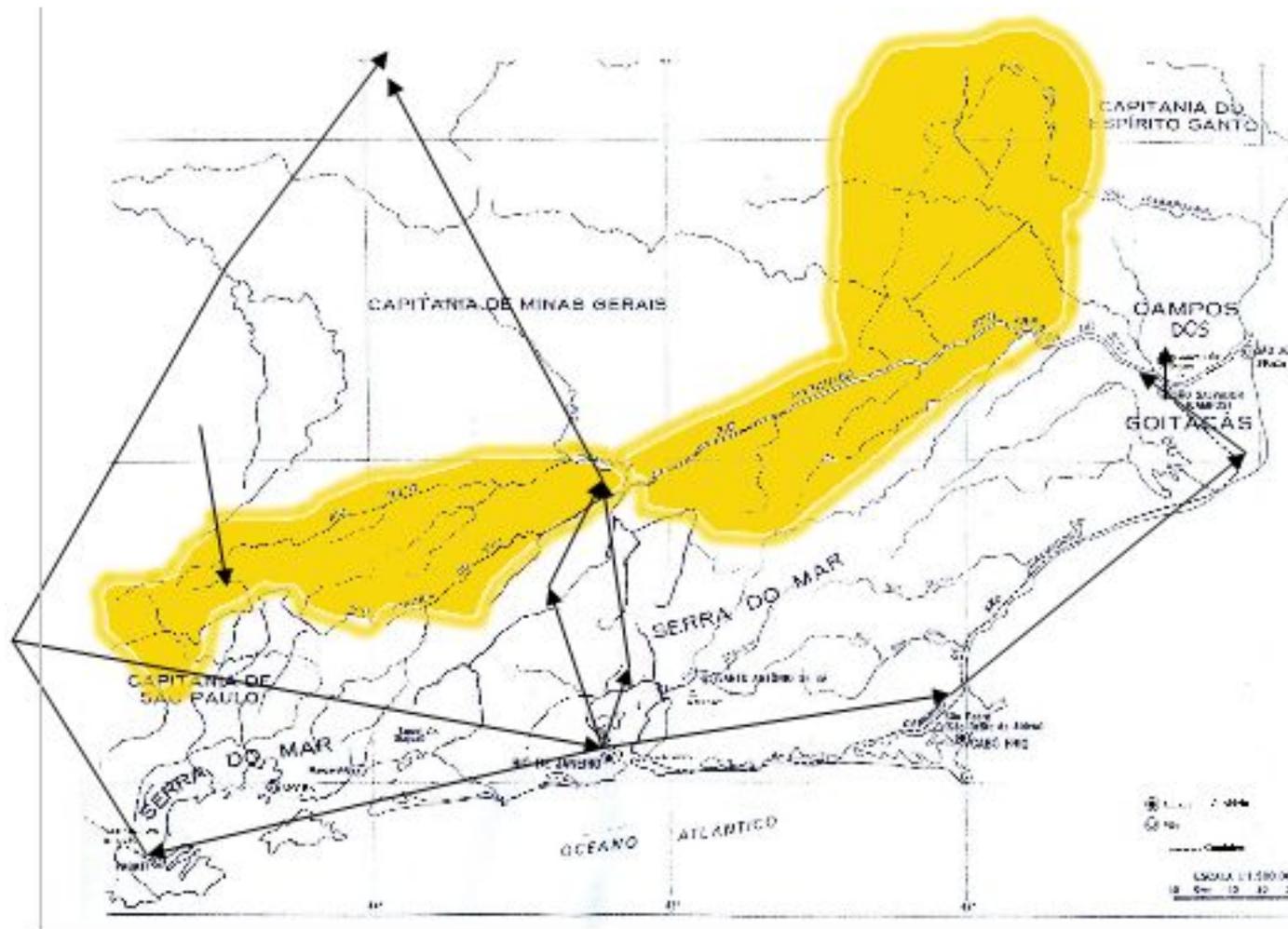
Aula 3 - Extinção "oficial" de uma etnia através da sua desterritorialização, apagamento da cultura e da língua: o caso Puri – Parte 2

A mudança do eixo econômico para o Sudeste e suas consequências para os povos indígenas!



Fonte: Moraes, Fernanda Borges de. De arraiais, vilas e caminhos: a rede urbana das Minas Coloniais. In: As Minas Setecistas. Orgs. Maria Efigênia Lage Resende e Luiz Carlos Villalta. B.H.: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007.vol.1,p.79. Acréscimo de áreas proibidas e dos Caminho Novo e Velho feitos por Marcelo Sant' Ana Lemos.

O aumento dos conflitos nas áreas proibidas a partir da segunda metade do século XVIII



MAPA ESQUEMÁTICO DO CERCO AOS POVOS INDÍGENAS
1750

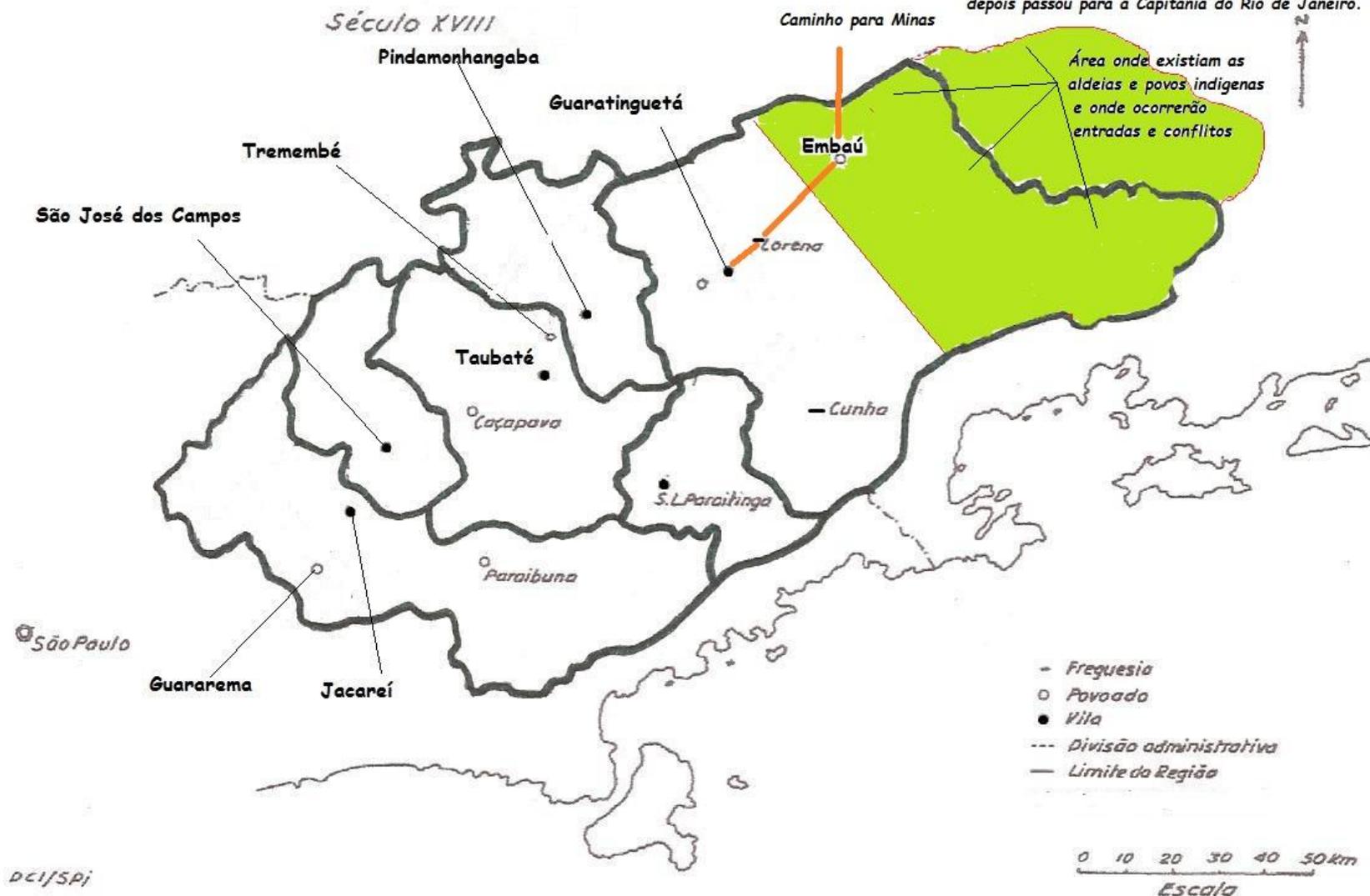
Principais vias de penetração e circulação de luso-brasileiros – →

Região ocupada pelas sociedades indígenas – ■

Dois séculos de correrias, lutas e alguns aldeamentos – São Paulo

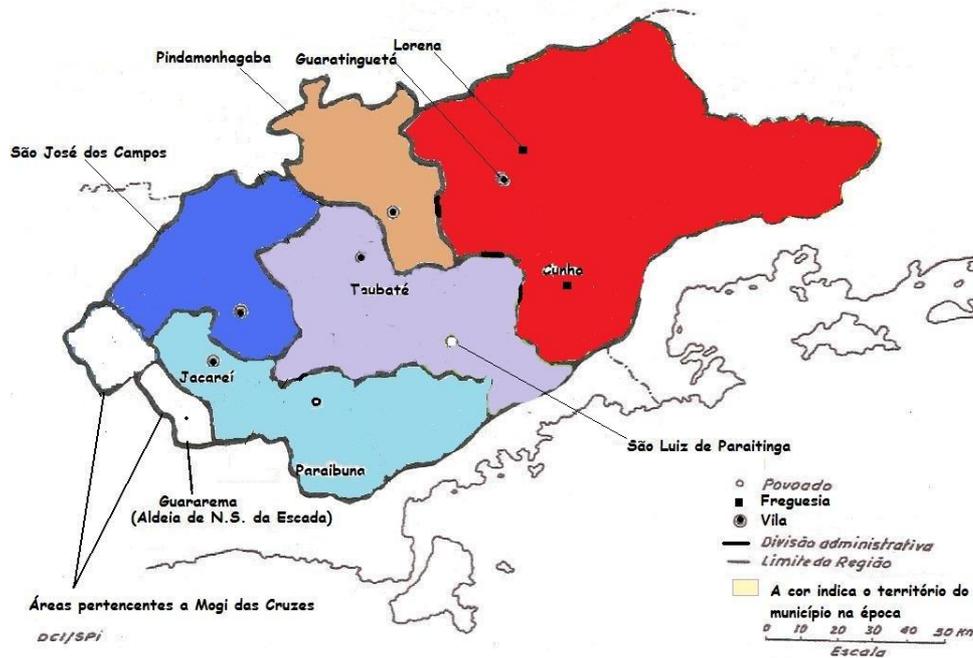
Mapa parcial da Capitania de SP, década de 1770, detalhe dos Municípios do Vale do Paraíba. Base cartográfica adaptada do mapa de povoamento, urbanização e desmembramento administrativo - século XIX (1893)- do livro "O Fato Urbano na Bacia do Rio Paraíba -SP- de Nice Lecocq Müller (1969)

Até 1789 os limites de São Paulo englobavam a Paraíba Nova e ia até a Barra do Rio Pirai, depois passou para a Capitania do Rio de Janeiro.

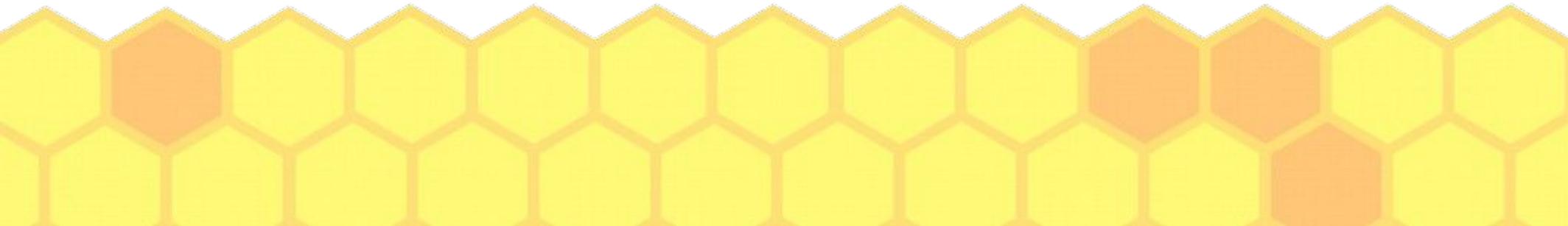
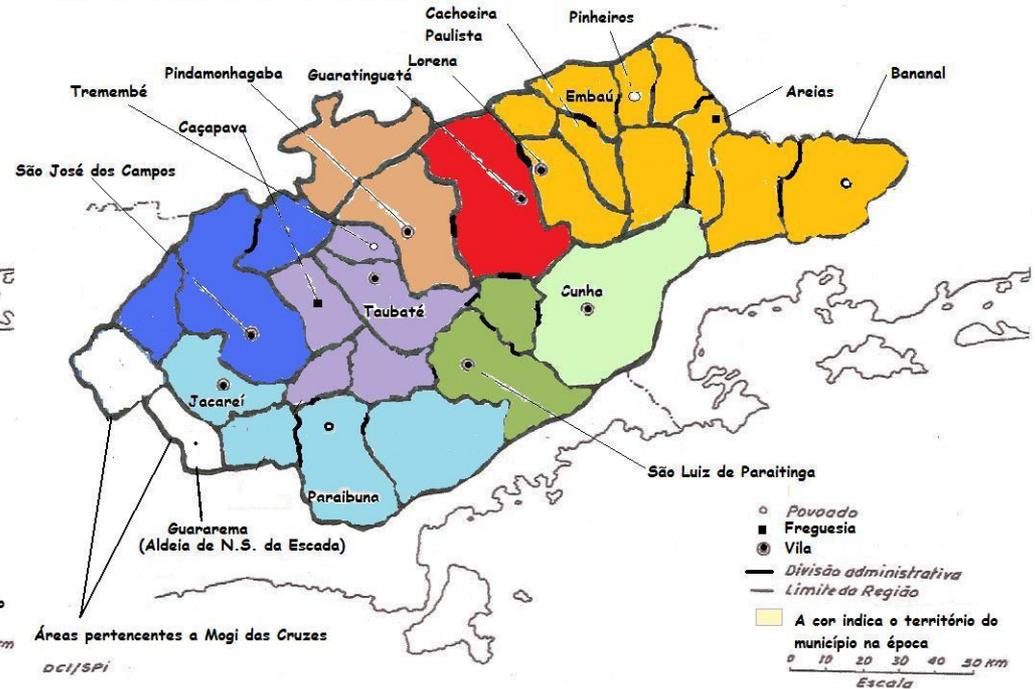


Dois séculos de correrias, lutas e alguns aldeamentos – São Paulo

Mapa parcial da Capitania de São Paulo em 1760, detalhe dos Municípios do Vale do Paraíba. Base cartográfica adaptada do mapa de povoamento, urbanização e desmembramento administrativo - século XIX (1893)- do livro "O Fato Urbano na Bacia do Rio Paraíba -SP- de Nice Lecoq Müller (1969)



Mapa parcial da Capitania de São Paulo em 1790, detalhe dos Municípios do Vale do Paraíba. Base cartográfica adaptada do mapa de povoamento, urbanização e desmembramento administrativo - século XIX (1893)- do livro "O Fato Urbano na Bacia do Rio Paraíba -SP- de Nice Lecoq Müller (1969)



O aldeamento dos Puris em Queluz



Os sobreviventes ao descimento e seu registro

Adro de Aldeia
de Aldeia de Leda

Assim se viu como se descreve de anno de mil oitocentos e doze de tarde no oratorio publico que serve para a Igreja desta Regencia, e Aldeia de Leda de Guelluz, depois de feitas as denunciacoes na forma de se ordenado, e se fez a leitura sem que se impedimento algum nem se oiteler a sobre os expensas por mim aduicarem cauteloso de todo a qualques que ignorante de se copiar ter em quanto elles negligencia, e eu posto pela fidelidade, que me foi commetida de exceder a fins a Reverendissimo Senhor Bispo Diocesano, e despacho de data de outubro de anno de mil oitocentos e doze para poder de expiar qualques impedimen

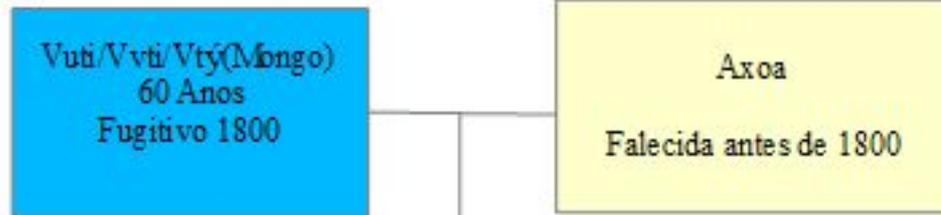
Este Livro, que hade servir para os assentor
e chatoz nesta Aldeia de Leda de Guelluz,
e por mim numerado e rubricado, sendo para
fazer constancia do M. Sr. Sr. D. Provisor, e
Gonçalo Galal, por despacho de 2 de Setembro de
1802. E no fim de se a termo de enseriam.
o que faço o presente por mim assignado.
Francisco das Chagas Lima
Vig. encom.

Para
Aldeia

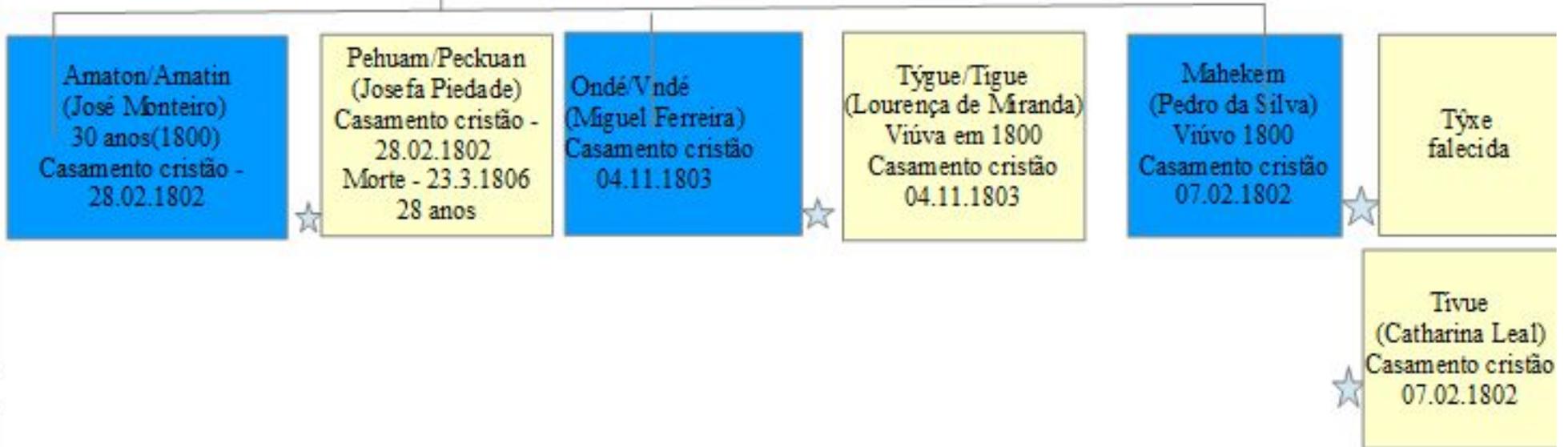
Do vinte e cinco de Junho de mil oitocentos e vinte e nove
nata de Leda de Guelluz baptiza, e que os Santos Elias e
Para filha natural de Sebastião de Leda e de Leda de Leda, 72
de Bai inognito: padrinhos Domingos Nunes de
Leda e Leda, e Anna Rodrigues mulher de Jose
Nunes de Leda, todos desta freguesia.
O Vig. encom. Francisco Lima
Para
Do vinte e cinco de Junho de mil oitocentos e vinte e nove

Família do Vuti

1ª Geração



2ª Geração:



2ª Geração:

Amaton/Amatin
(José Monteiro)
30 anos(1800)
Casamento cristão -
28.02.1802
Viúvo - 1806

Pehuam/Peckuan
(Josefa Piedade)
Casamento cristão -
28.02.1802
Morte - 23.3.1806
28 anos

Mahekem
(Pedro da Silva)
Viúvo 1800
Casamento cristão
07.02.1802

Tivue
(Catharina Leal)
Casamento cristão
07.02.1802

3ª Geração:

Ague/Agué/Agui
(Hilária)
Morte - 20.11.1800
7 anos?

Bivue
(Gertrudes)?
2 anos(1800)
23 anos(1817)
12 anos(1822)

Serafim
7 anos (1817)

Floriano
3 anos(1817)
8 anos(1822)

Thomas
4 anos(1822)

Reginaldo
Morte - 25.3.1806
8 anos

Francisco
Morte - 14.11.1805
4 meses

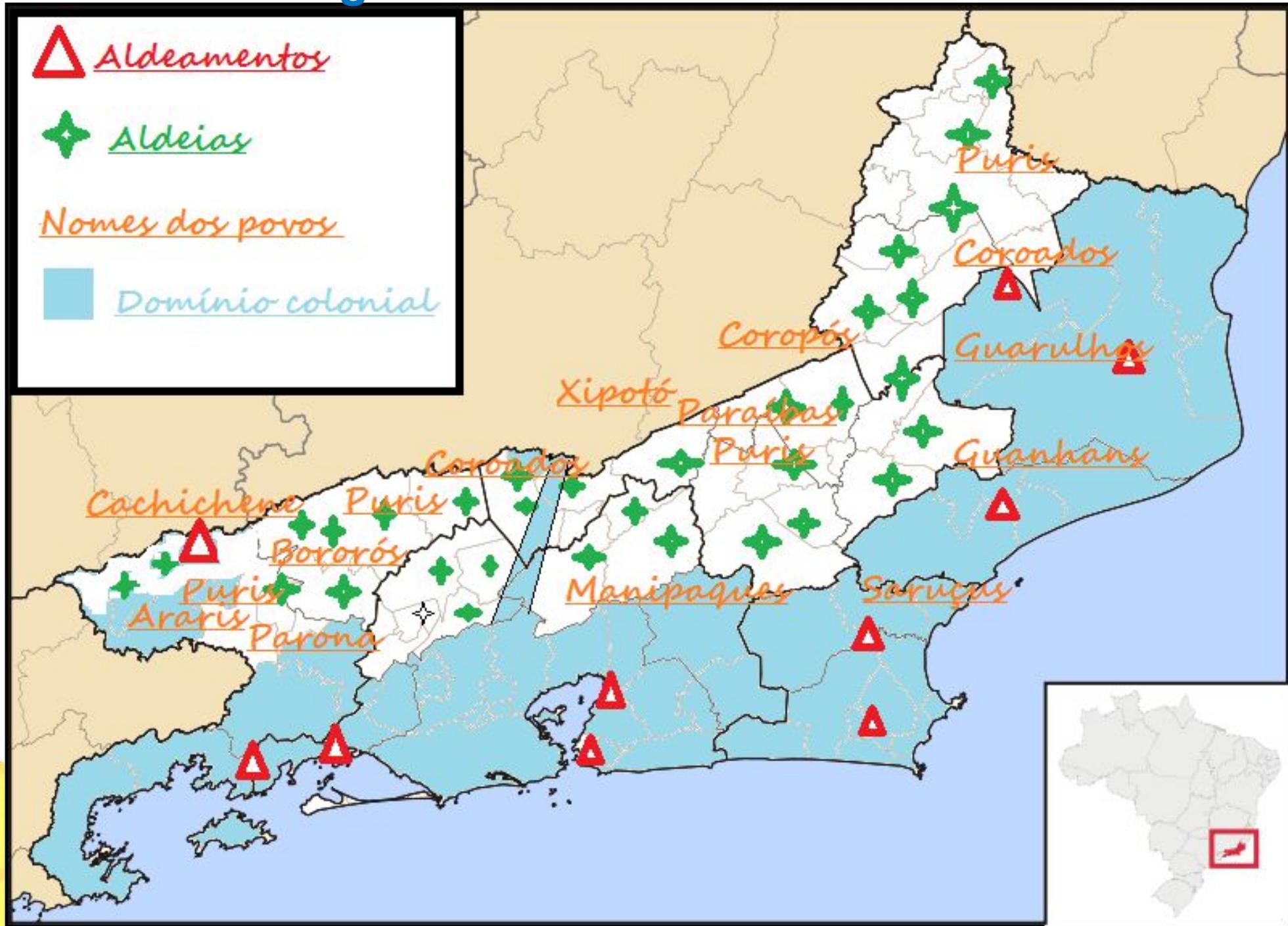
4ª Geração:

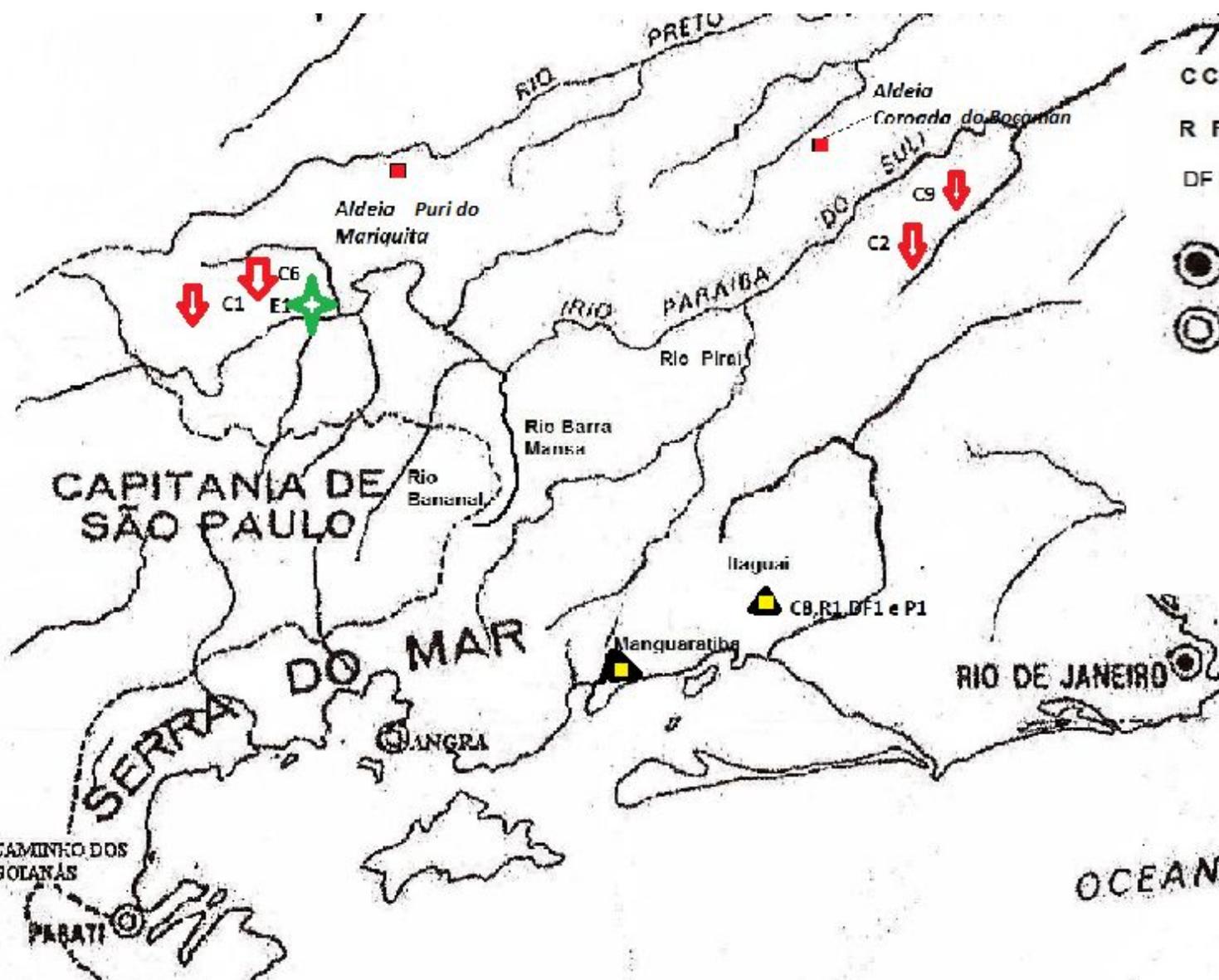
Roza
Nasce - 25.12.1829

Dois séculos de correrias, lutas e alguns aldeamentos – Rio de Janeiro



Povos indígenas e aldeamentos no século XVIII





- C Conflitos ↓
- R Roubos/Furtos
- DF Disputa Fundiária
- E Epidemias +
- DJ Disputa Judicial
- P Prisões
- Cidade
- Vila
- ▲ Aldeamento
- Aldeia

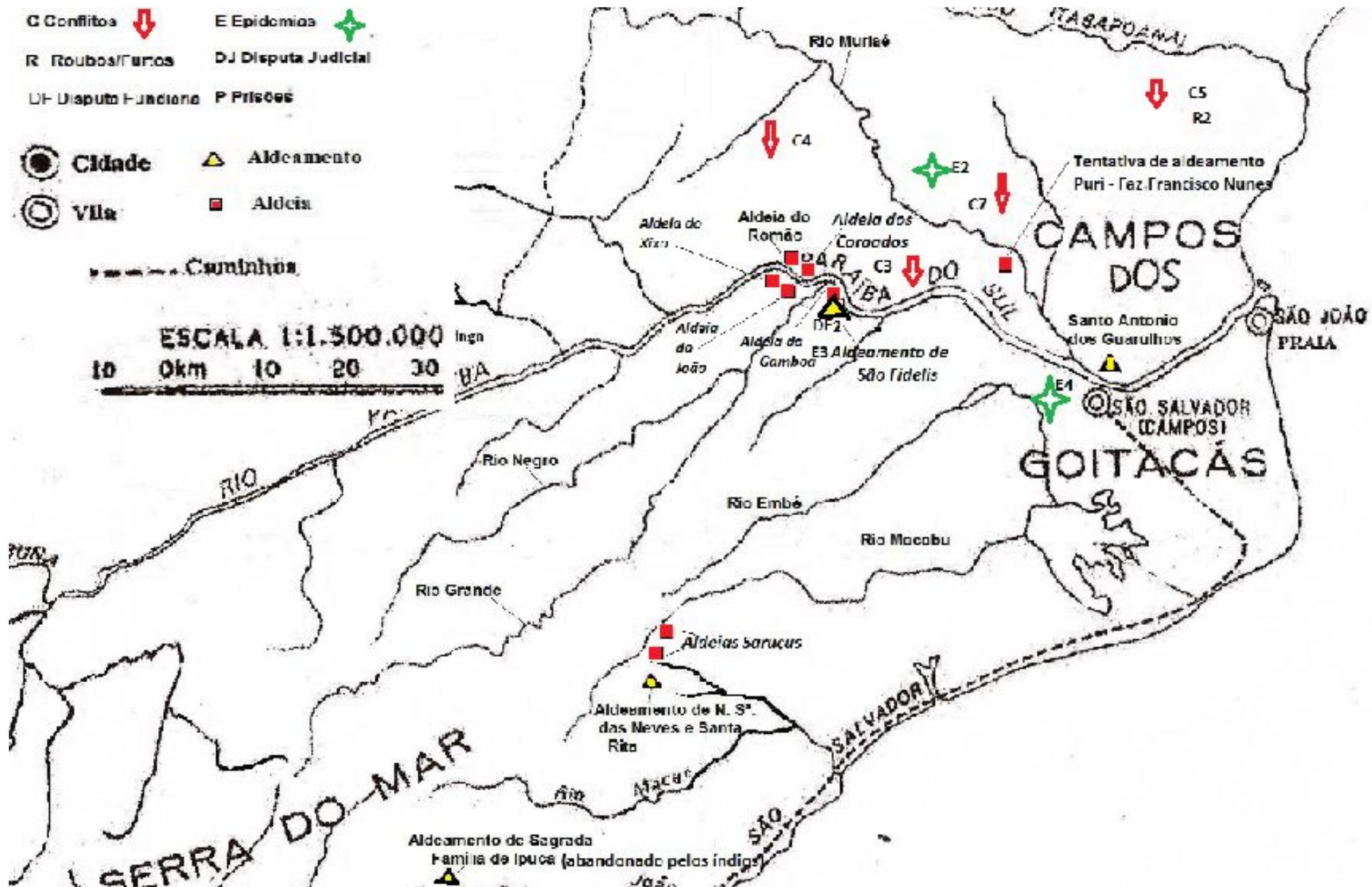
--- Contornos

ESCALA 1:1.500.000

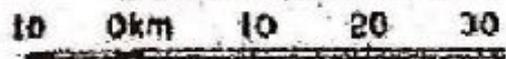
10 0km 10 20 30

- C Conflitos ↓
- R Roubo/Furtos
- DF Disputa Fundiária
- E Epidemias ✚
- DJ Disputa Judicial
- P Prisões

- Cidade
- Vila
- ▲ Aldeamento
- Aldeia



ESCALA 1:1.500.000



Presença indígena, aldeias e aldeamentos no século XIX



Aldeamentos no Rio de Janeiro

no século XIX

**ESPÍRITO
SANTO**

**MINAS
GERAIS**

SÃO PAULO

OCEANO ATLÂNTICO



Dinâmica da ocupação territorial em Minas Gerais (1711-1814)

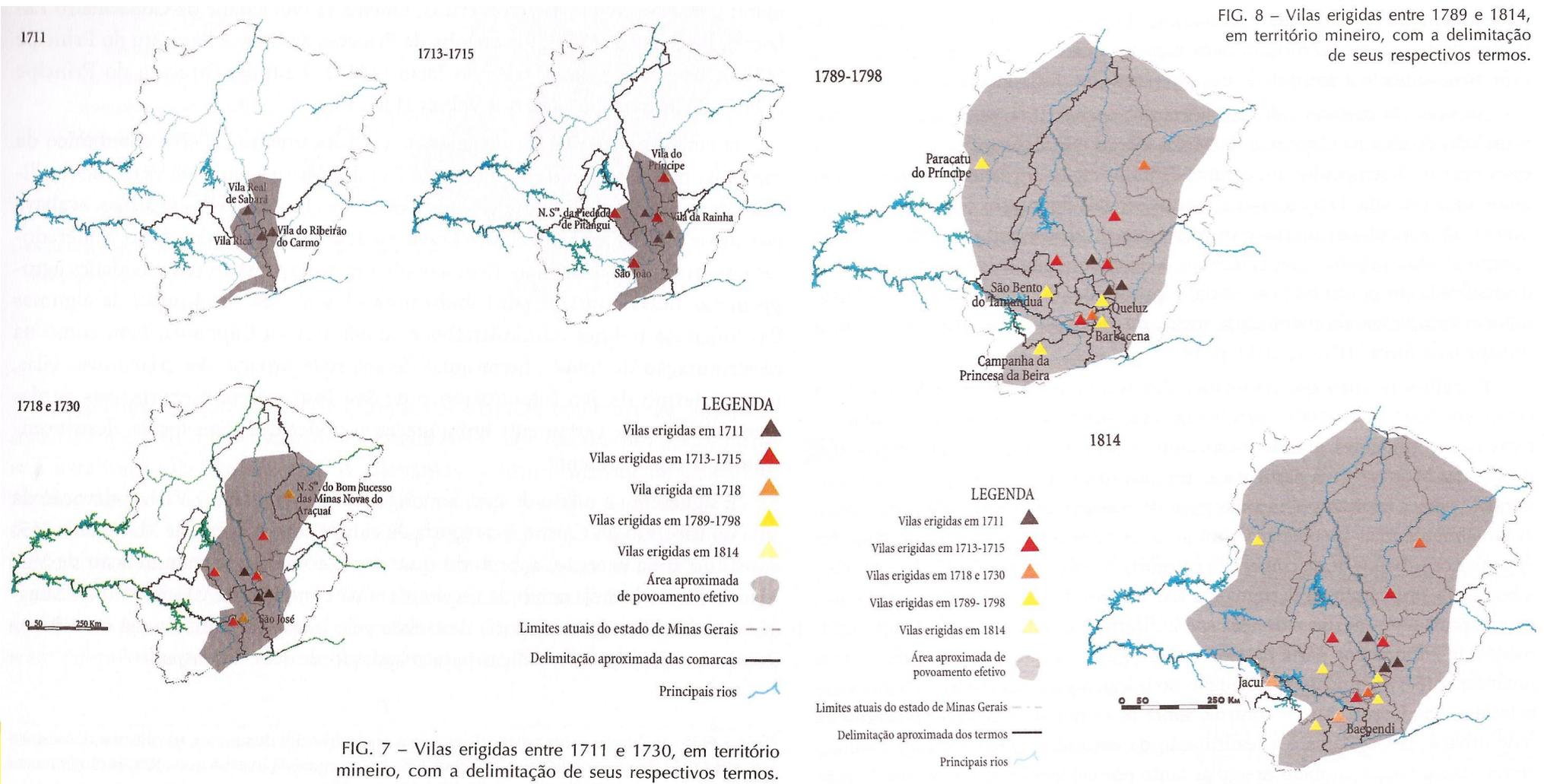


FIG. 7 – Vilas erigidas entre 1711 e 1730, em território mineiro, com a delimitação de seus respectivos termos.

FIG. 8 – Vilas erigidas entre 1789 e 1814, em território mineiro, com a delimitação de seus respectivos termos.

A vinda da Família Real e as mudanças que acarretou para os povos indígenas do Sudeste.

Foi decretada uma guerra justa contra os povos indígenas Puri e Botocudo, em 1808, nas Minas Gerais.

Durou de 1808 a 1831, sendo que os indígenas capturados seriam escravizados por um período que na prática virou toda vida.

Os que aceitassem as pazes seriam aldeados.

Foi permitido a presença e viagens de naturalistas pelo Brasil, que puderam assim descrever povos indígenas e coletar vocabulários.

Foram criadas 7 Divisões Militares do Rio Doce(DMRV), com diversos quartéis (presídios), mobilizando compulsoriamente setores empobrecidos e excluídos da sociedade, além do uso de povos indígenas aliados contra os povos indígenas declarados inimigos.

Vários novos aldeamentos foram criados nesse processo em Minas Gerais.

Na Capitania do Rio de Janeiro, no Vale do Paraíba, foram criados 5 aldeamentos sendo todos na primeira metade do século XIX.

A política indigenista do Império

Só foi estabelecida em 1845, sendo que antes ficou muito ao sabor das elites locais, o que resultou que muitos dos aldeamentos criados no próprio século XIX, foram logo sendo invadidos e os indígenas expulsos de terras que lhes foram concedidas.

A partir principalmente da lei de terras, de 1850, às áreas dos aldeamentos indígenas foram muito cobiçadas para implantação de colônias de imigrantes e para expansão do café.

Sistematicamente os indígenas aldeados foram atacados em seus direitos e sendo considerados pelas elites como caboclos e portanto integrados a massa da população, negando a sua identidade indígena para fins de apropriação de todas as suas terras.

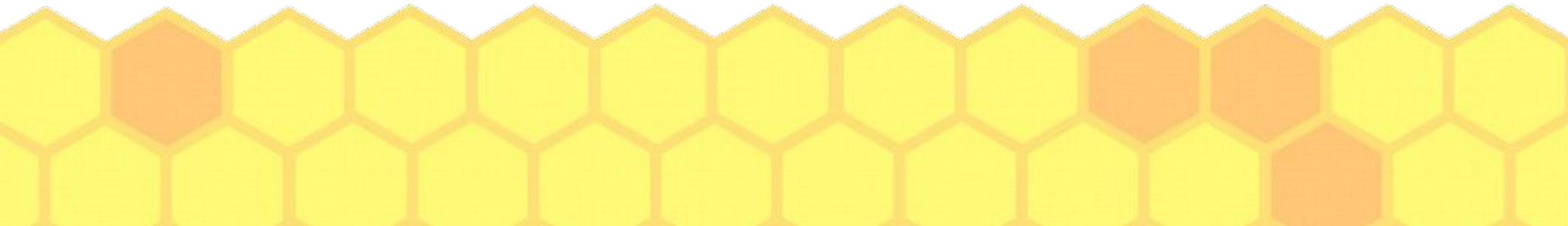
Esse processo resultou por um lado na extinção de aldeamentos, inclusive os mais antigos, a partir da década de 60, no Estado do Rio, sendo considerados todos extintos no início dos anos 80.

Apesar disso o Império sabia da existência de mais de 400 indígenas Puri não aldeados na região entre os Rios Muriaé e Rio Itabapoana, que nunca foram objetos das ações mais efetivas por parte do Estado, deixando que essa interlocução se desse por meio da relação entre proprietários de terras e indígenas, na maioria das vezes violenta.

O processo de invisibilidade étnica construída pela política e historiografia nascente.

As elites locais sejam fluminenses, paulistas, mineiras, e mais tardiamente a capixaba, durante o Império, por conta da expansão cafeeira no Sudeste, produziram um processo de desterritorialização violento das terras dos aldeamentos indígenas, que ganharam grande velocidade a partir dos anos 30. A justificativa cada vez mais frequente era que não existiam indígenas ou aldeamentos na região, o que se mostrou sempre uma falácia.

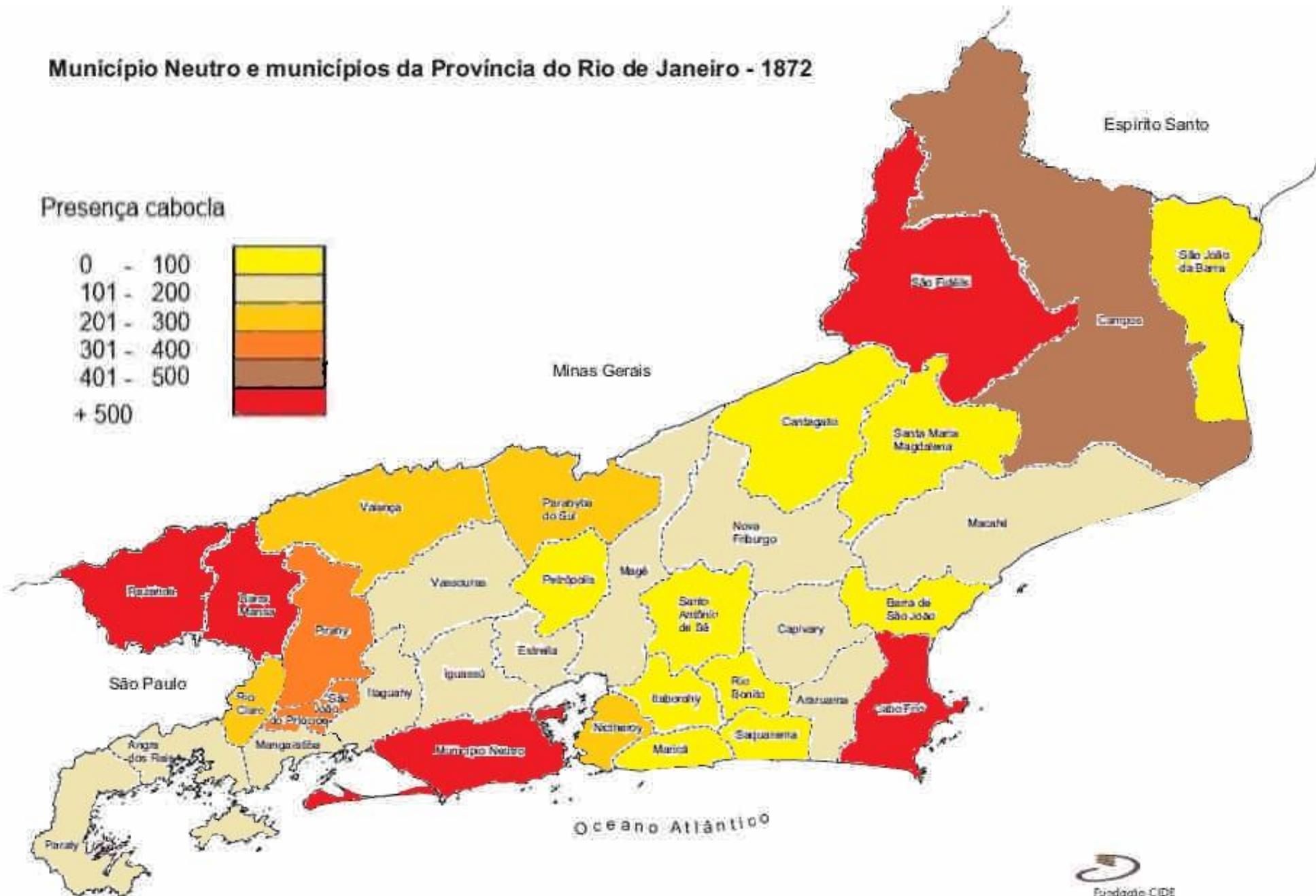
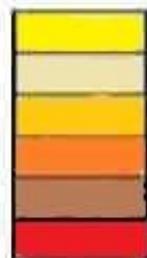
Na medida que os povos eram aldeados no Vale do Paraíba e submetidos, perdiam muito da iniciativa política e cada vez mais foram sendo invisibilizados politicamente. Com a justificativa que estavam misturados com a massa da população. Fortalecendo essa visão a historiografia nascente colocava os povos indígenas como passado, como de interesse da etnografia e não da História, tirando de vista o seu papel na construção do próprio Império. O IHGB e principalmente o Visconde de Porto Seguro vão estimular essa visão.



Município Neutro e municípios da Província do Rio de Janeiro - 1872

Presença cabocla

0 - 100
 101 - 200
 201 - 300
 301 - 400
 401 - 500
 + 500



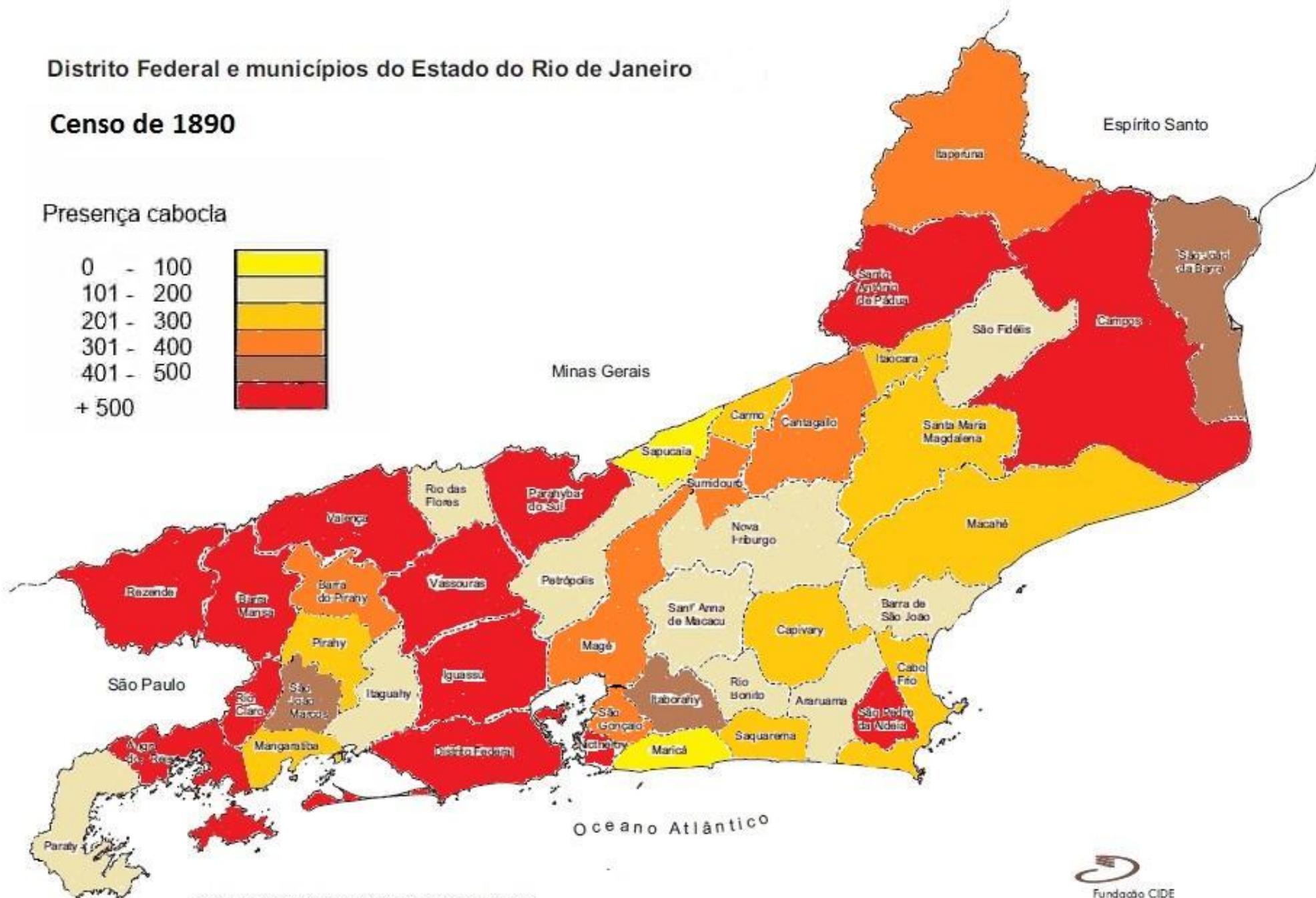
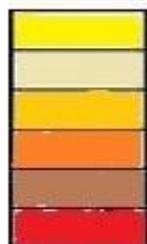
Fonte: Fundação Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro - CIDE.
 Nota: Mapa elaborado com base nas divisões municipais de 1872 (com algumas exceções), devido à dificuldade de reconstituir as feições.

Distrito Federal e municípios do Estado do Rio de Janeiro

Censo de 1890

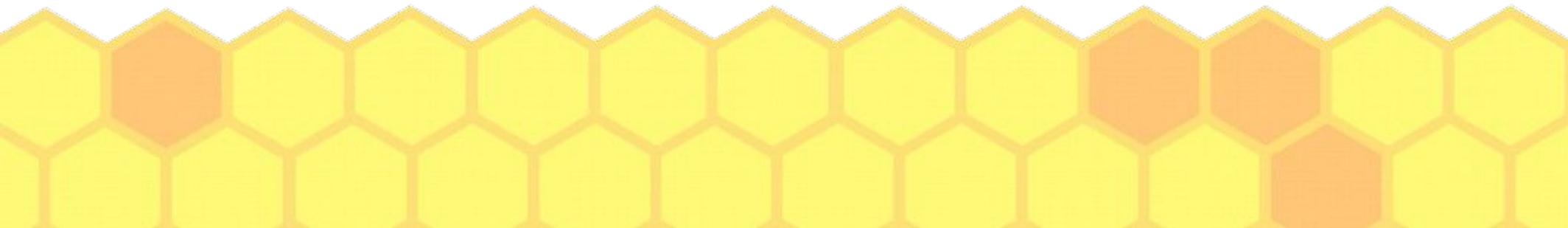
Presença cabocla

0 - 100
101 - 200
201 - 300
301 - 400
401 - 500
+ 500

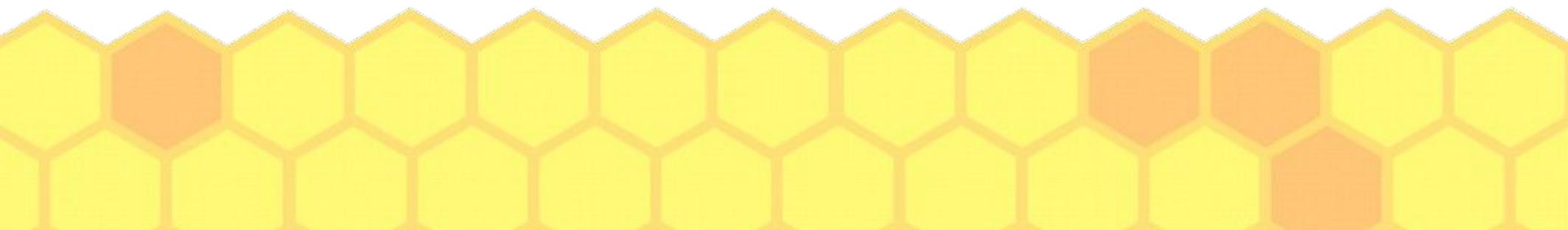


Fonte: Fundação Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro - CIDE
Nota: Mapa elaborado com base nas divisas municipais de hoje (com algumas exceções), devido à dificuldade de reconstituí-las fielmente.

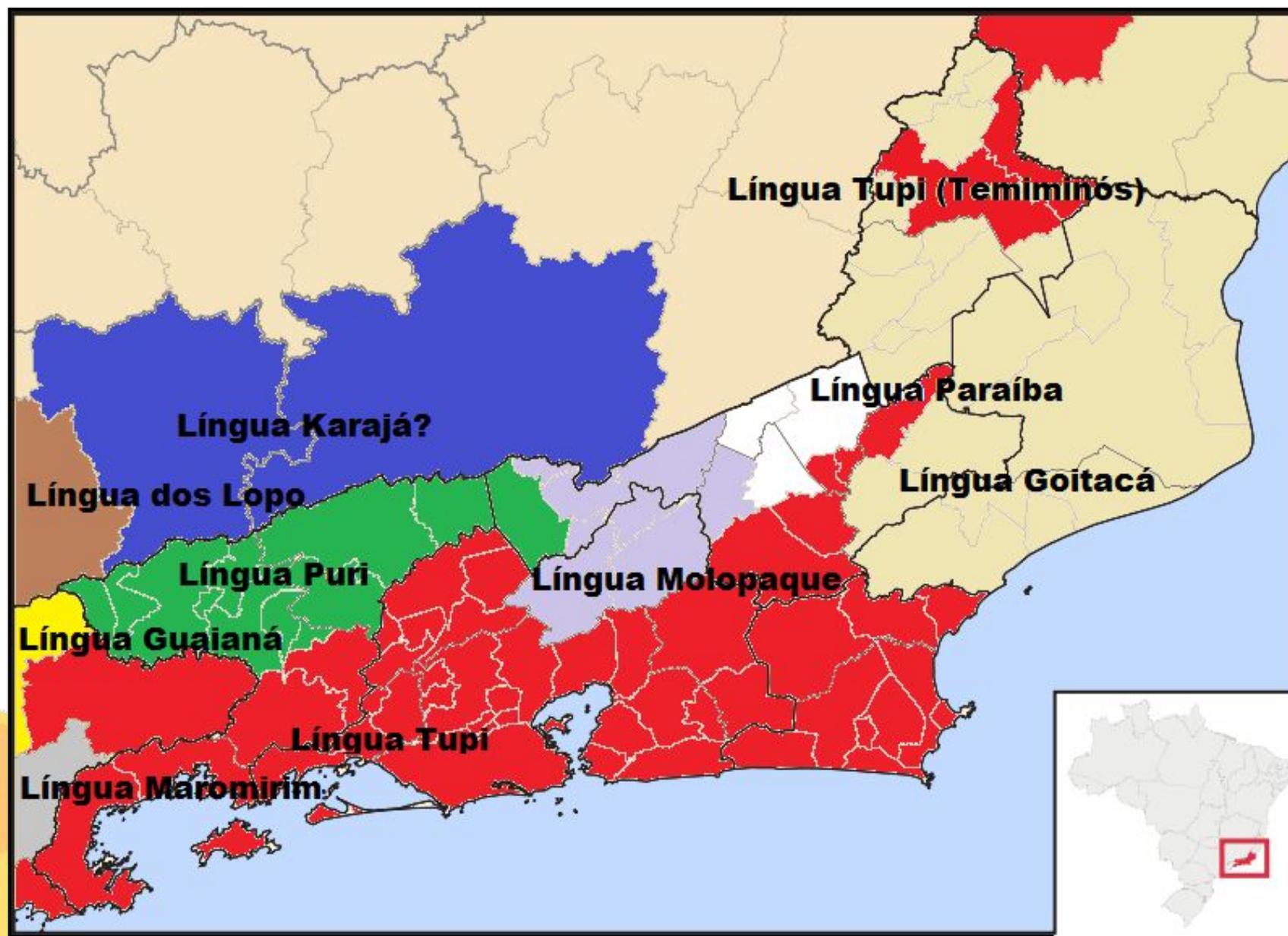
INTERVALO



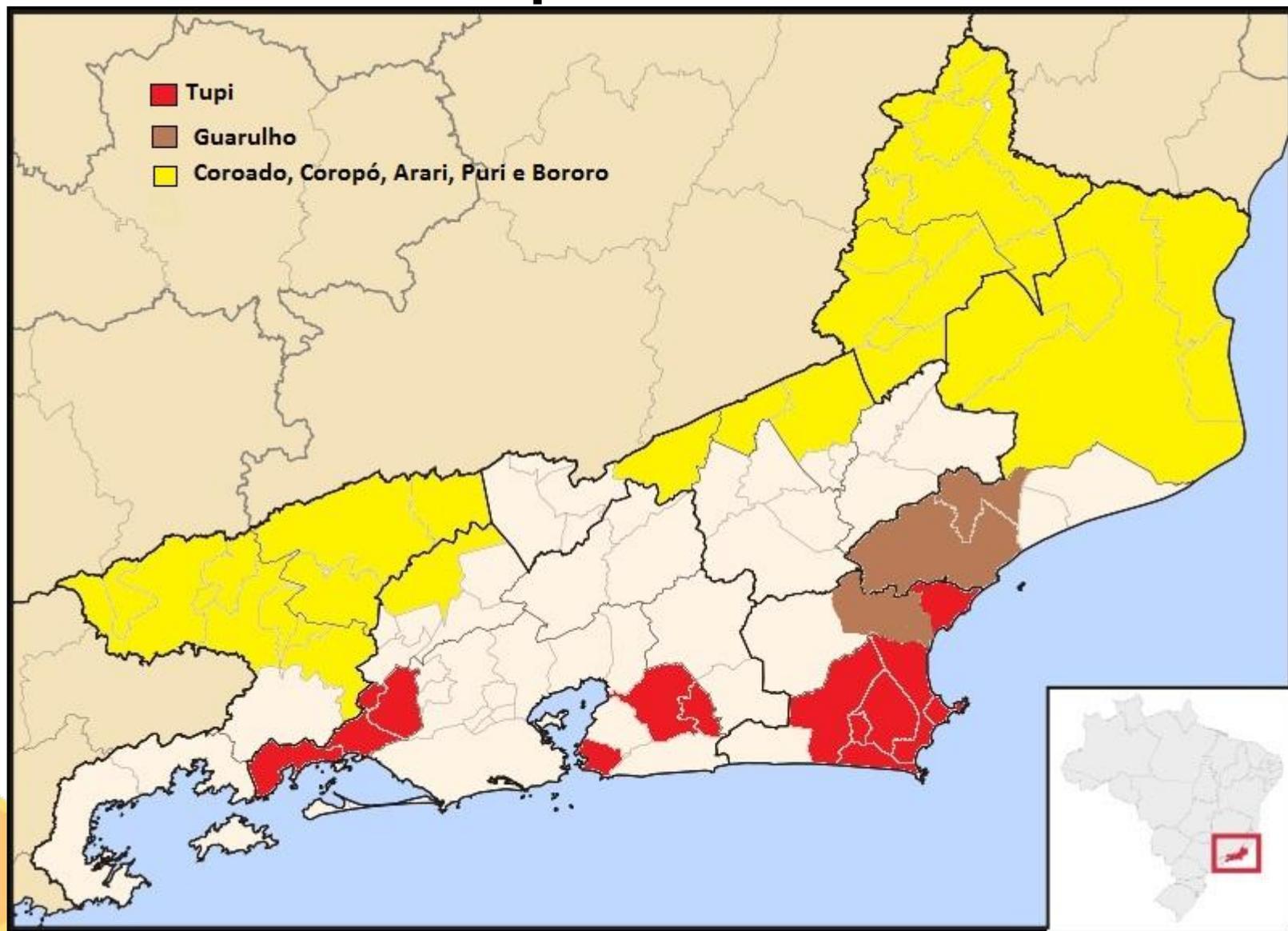
Sobre a Língua Puri e a coleta de vocabulários por naturalistas e viajantes.



Mapa das línguas indígenas no século XVI – hipótese de trabalho



Mapa das línguas indígenas no ano de 1800 – Hipótese de trabalho



- **FICHA DE VOCABULÁRIO INDÍGENA COLETADO N° : ____**
 - **Qual foi a etnia/povo indígena?**
 - **Quem coletou?**
 - **Quem compilou?**
 - **Quando foi a coleta?**
 - **Como foi?**
 - **Nome ou condição do informante:**
 - **Onde foi coletado? (Estado, Município, localidade, fazenda, etc.) :**
 - **8. Qual a nacionalidade e língua do coletor ou que foi transcrita a língua coletada?**
 - **9. Qual a quantidade de palavras foram coletadas?**
 - **10. Referência bibliográfica ou fonte:**
- 

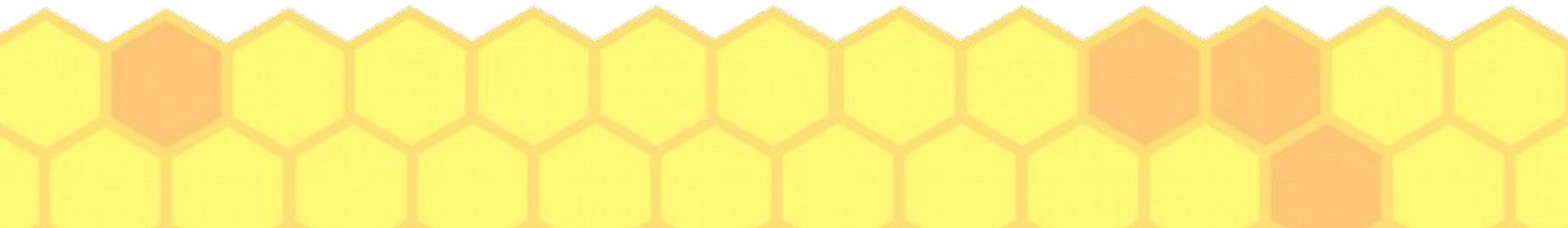
Iniciei a pesquisa sobre os viajantes dos séculos XIX e documentos históricos que continham informações sobre os Puris.

Foram consultados mais de 300 viajantes que eram: militares, comerciantes, naturalistas de diversas nacionalidades: ingleses, italianos, alemães, russo, brasileiros, austríaco e dinamarquês, dos séculos XVIII ao XX.

Destes 76 citaram ou visitaram Puri, Coroado e Coropó.

Destes levantamos cerca de 18 vocabulários, descartamos 2 pois não tratavam da língua.

Encontramos e traduzimos vocabulários inéditos e textos que nunca foram traduzidos em português com a ajuda de três amigos: o Doutor Luiz Montez e as Doutoras Miriam Junghans e Elena Gaidano.

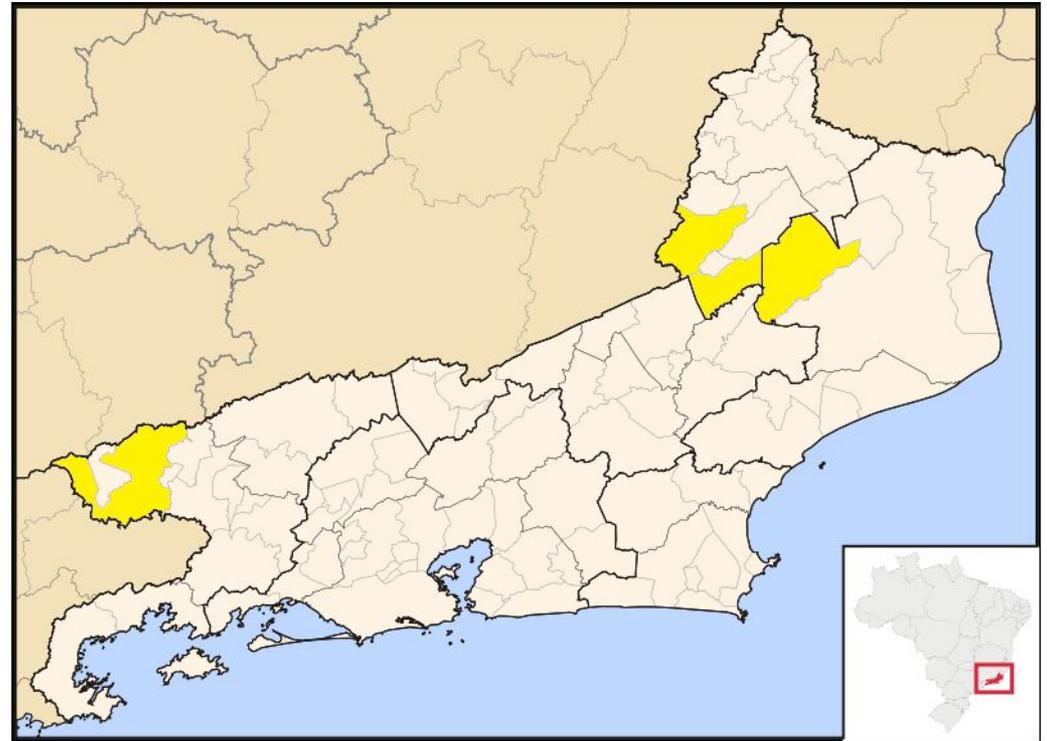


Onde foram coletados os vocabulários Puri ?

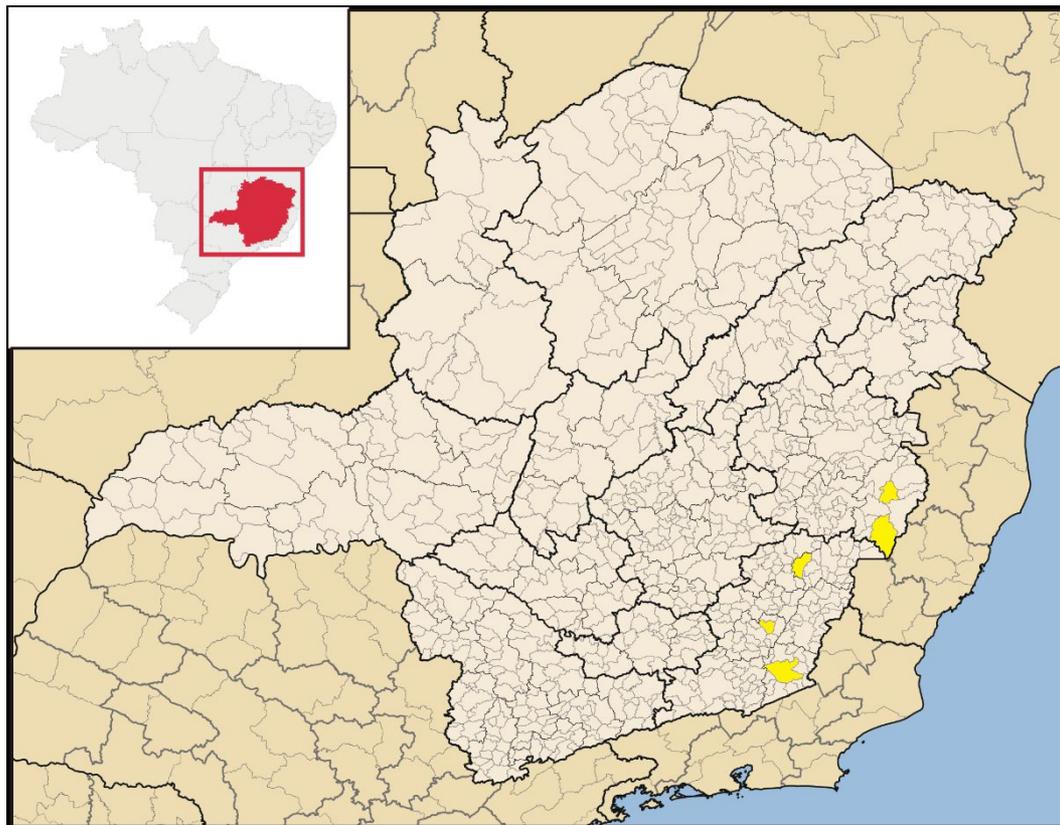
No Rio de Janeiro:

Locais de coleta: Resende, São Fidélis e Itaocara.

Coletores: Karl F. Philipp von Martius, Maximilian von Wied, Georg Wilhelm Freyreiss e Henrique Vicente Louzada Magalhães.



Coletores em Minas Gerais



Locais de coleta: foram nos atuais municípios de Leopoldina, Guindoval, Visconde de Rio Branco, Abrecampo, Mutum, Santa Rita do Etueto e Além Paraíba.

Coletores: Alberto Noronha Torrezão, Karl F. Philipp von Martius, Heinrich Wilhelm Schott, Phillipe Rey, Paul Ehrenreich, Wilhelm Ludwig von Eschewege, Georg Wilhelm Freyreiss, Francisco de Paulo Ferreira de Resende e Edouard Ménestriès.

Coletores no Espírito Santo



Locais de coleta: municípios atuais de Vitória e Presidente Kennedy.

Coletores:

Dom Pedro II e Príncipe Maximilian, de Wied.

Coletores em São Paulo



Locais de coleta: Queluz e Bananal.

Coletores: Francisco das Chagas Reis Lima e Sheila Siqueira de Castro.

Como consequência dessa pesquisa produzi o Vocabulário Puri

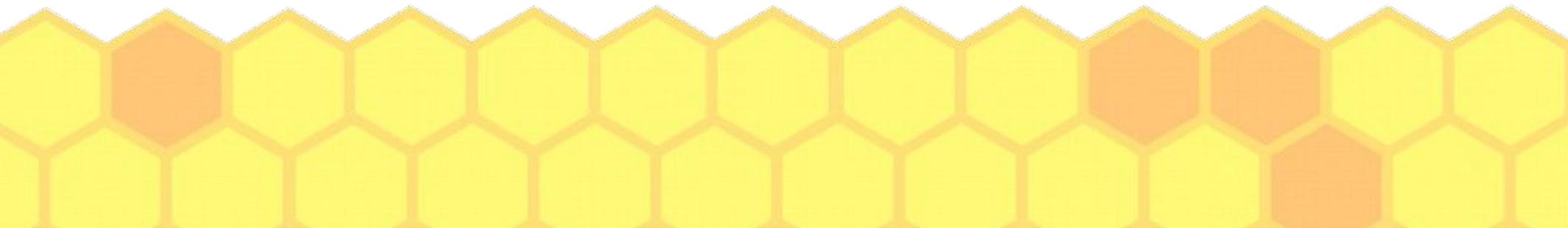
Ele foi produzido como um produto dos estudos que estava fazendo dentro do Doutorado e foi editado em 2012.

Foi na Aldeia Maracanã que começamos a difundir ele com a ajuda do Dava Puri.

Contribuiu e contribui para a retomada da luta dos Puri, pelo seu reconhecimento e hoje eles estão organizados no mundo virtual e real para retomada dos seus direitos.

Ele contém 426 verbetes e 39 expressões gramaticais.

Não logramos encontrar o catecismo do padre Francisco das Chagas Lima, perdido dentro do IHGB, mas recuperamos os seus batizados e óbitos com os nomes originais dos indígenas de Queluz.

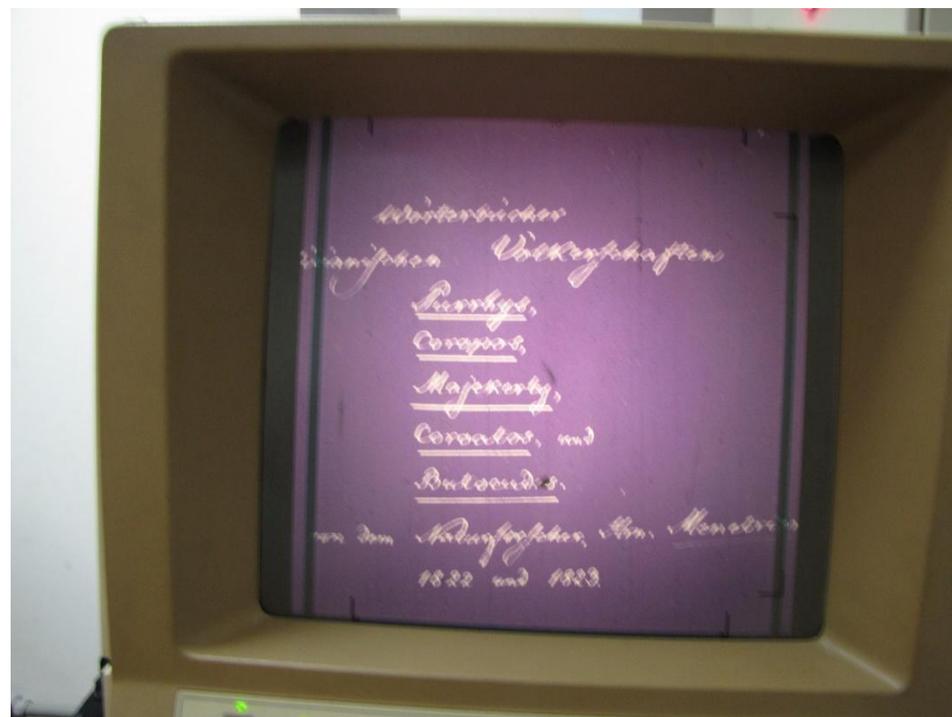


O maior desafio na construção do vocabulário

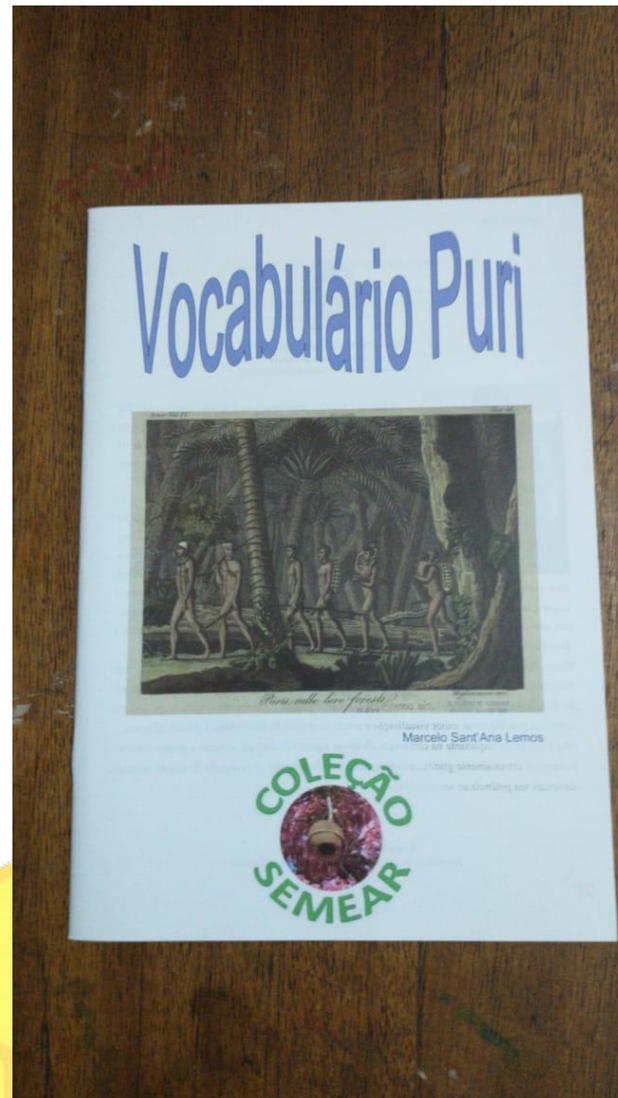
Uma dos maiores desafios foi sem dúvida a descoberta, transcrição paleográfica e tradução do maior vocabulário da Língua Puri: o feito em Guindoval por Edouard Ménéstriès, que participou como etnógrafo na expedição de Langsdorf.

Esse vocabulário estava inédito há 200 anos e o encontrei na Fiocruz.

Ali também encontrei e recuperei uma canção Puri.



Hoje é sem dúvida um texto base bem difundido para o todos os Puri e pessoas interessadas na língua.



- Obrigado!
- Marcelo Sant'Ana Lemos
- marcelolemos@gmail.com

